

A ÚLTIMA MASOXI

2020

Todos os direitos reservados para todos os países.

Este livro não poderá ser reproduzido, publicado ou transmitido, em parte ou no todo, por quaisquer meios (electrónicos, mecânicos, fotográficos ou outros) sem prévia autorização, por escrito, do autor ou da editora.

Copyright © autor e a editora

Título: A Última Masoxi

Autor: Beni Dya Mbaxi

E-mail: benidyambaxi7@outlook.com

Facebook: Escritor Beni Dya Mbaxi

Telef.: +244 925 470 545/ 996 583 381

Colecção: Ecos D'Arte

Editor: Gonçalves Gongga

Design da capa: Beni Dya Mbaxi

Capa e paginação: Gonçalves Gongga

Colaboração: Henriques Sungo e JEZ

2.ª Edição: Agosto/ 2020

Tiragem: 300 exemplares

ISBN: 978-1-78972-579-7

MASSONA EDITORA

Rua A-3, casa nº 4 | Bairro Kapolo II | Luanda – Angola



massonaeditora@gmail.com



Massona Editora



massona_editora



+ 244 993 924 093

BENI DYA MBAXI

A ÚLTIMA MASOXI

À minha querida avó, Maria Augusto Manuel Mabacala (Em memória). Dedico-lhe este livro por ser uma mulher muito especial na minha vida. Com ela passei os melhores momentos, felizes e tristes. Ela foi minha companheira e sempre será a minha MULHER.

AGRADECIMENTO

A DEUS todo-poderoso, estendo o meu imortal agradecimento em primeiro lugar, pelo talento tatuado no meu ser.

A minha eterna avó, Maria Augusto Manuel Mabacala (Em memória). Esta obra também tem os seus ensinamentos, porque nada eu seria sem ela, um simples Obrigado não basta pelo que fez por mim. Sei que a melhor forma de agradecer é a gratidão. Portanto, muito obrigada minha mãe, mulher e companheira.

Aos meus pais, Carlos Afonso e Domingas Augusto Sebastião. Pelo evocado a vida e por estarem ao meu lado desde o primeiro chorinho procedente de um sonhador - eu.

Estendo os meus agradecimentos a aqueles que sempre estiveram do meu lado, directa ou indirectamente: Henriques Sungo, Benedita Talher, Dário Gomes, Francelmo Francisco, Cláudio Raúl, Clau Stuck, Celma António Belchior, Cláudia Pascoal, Indiana Gaieta, Vasco Augusto, Agostinho Augusto, João Francisco, Carlos Gomes, Meek Wonder, Montana Tr, Edgar Júnior, Anilmara Carlos, Dozilda, Mateus Cawope, Moisés Vunge, Sthephany, Benzema (rei dos passes), Mano Kiss, Kota Jardel, Spada Honofi Karim, Ziclaude Santos, Vasco Fernandes, Lídia, Nina, Geni, Enerine Sheila, Liliana Larissa, Vasmara, Vicente Dias Bernardo, Rita Dias Bernardo, Misania Man Buche, Paloma, Cardoso Carlão, Augusto Cassinda Filipe, Ayrton Francisco, Edwin Francisco, Mestre Akanda, David, Fátima Queirós, Sebastião Bebeca, Fábriço Capitão, Euclides

Pascoal, Valentin Chopossi, Abdo Duque, Sónia Paulo, Hivoneid Augusto, Miranda Carlos, Bênção Akredita, Adérito Fernandes, Akilson António, Ordánio Vaz, Palhaço Djalma, Milkeny, Gwyneth Moreira, Denilson Carlos, Tani, Kiese, Ary Ary, Eufânia, Rosicleny, Misania, Vicente Récio, Márcia Landa, Valdemiro Landa, Leonilde Landa, Beto.

Ao Mário Dias, Mond Burlón, Germano Fumela, Necas Canga, Céu Ravanel, Ana Ravanel, Marquinha Augusto, Leonel Almeida, Daio Marques, Michael Jonas, Enaê Alves, Maria de Paula, Rosa Augusto, João Victor, Francisca Victor, Teresa, Eugénio Gaspar, Joaquim Miguel, Edson Kiala, Sayonara, José Lengue, Sapiente, Rosária De Sousa, Albino Dos Santos, Rosicleny Ambrosio, Shirley José, Miriany Lopes, Landa Simão, Celeste, Taloquio Conceição, Job Galas, Saly, Fred, Delfina, Vivi, Emiliana, Marta Nassoma, Maria Poetisa que Chora, Auréo Sevege, Jones Bombo, Bleck Tomás, Emiliana Jacinto, Badica, Arnaldo Sebastião, Deuniza Campos, Sira, Sara, Elizandra Almeida, Maria Filho, Paula Augusto, Matilde Ruth, Rosário Sebastião Miguel, Elizandra Sebastião Miguel, Leopoldina Afonso, Beatriz Carlos, Elizandra Carlos, Matilde Ruth, Ana Sebastião Garcia, Atanásio Sebastião Garcia, Patrício Hebo, Edgar Dos Santos, Norton Azevedo, Sebastiana Manuel, Ruth Manuel, Laila, Ezael, Edgar Hiangalalo, Marcelina Manuel, Maria Filho.

À Tia Elsa, Tia Nair, Tia Antó, Domingas Manuel Augusto, Kadú, Micha, João Manuel Vita, Armindo Manuel Vita, Gomes Vita, Manuel Mabacala Tchicó, Lopes José Manuel, Zigo, Paula Manuel, Augusto Manuel, Deolinda Augusto, Isabel Augusto, Bebucha, Joana Cassoma, Agnelo, Yoleny, Lasticénio, Durval

Sebastião, Ruyani Sebastião o profi, Ana, Tia Odeth, Tia Núria Mulenza, Mabacala Avemos Avemos, Dembo Soba Grande, Tia Carla, Tia Faustina, wy Lula, wy Biza, Mauro Pi, Mauro Da poeira, Talento do Guetho, Kota Patrick, Vado Batata, Vado Show, Tomás Mánico, Zé Manuel, Kota Castela, Patrick Profi, Kota Vassi, Kota Langa, wy Joja, Zequinha, Godinho, Francisco Cardiona, Mister Olimpio, Mister Base, Mister Carlito, Evandro, Mestre Cuca, Adi Alongamestre, Bruno B.k, Fábio, Belo, Avla Mária, Dystiney, Chefe Kiala, Tio Beto, Tio Isaac, Dom-Pi, Azizi, Man Zé, Mana Ninha, Mana Ninha, Ceci, Mana Caró, Mana Mariana, João Carlos, Madlayne Carlos, Mali, Francisco, Antónica Bengui, Hamilton, Isaac Panzo, Kedji Lima, prof. Bernardo, prof. Glaura Bravo, Prof André Mateus, Prof. Scoth, Prof. Cabombo, Prof. Sassuco. Prof. Albano, Codaylé, Rodrigo Freitas, Morais evento, Silvío Karim, Neymar Karim, Domingos Da Silva, Afonso Bongo, Irmã Idaela, Irmã Jormira, Irmã Eli, Irmão Gerónimo, Valquiria, Princesa Acácia, Ladislau, Rey-K, Grupo Covoe.

Ao Mugongo Francisco, Ernesto Maquenda, Marta Sofia, Noelma Mendes, Kota Rico, Kota Daniel, Município do Nambuagongo, Jafá, Pepé, Dudú. Man Tomás, João Manuel, Aldair, Firmino, Vicente Dias, Rita Nicolau, Linda, Zulmira. Zezilda Relíquia, Mestre Kikula, Nerú, Mana, Lucas Artista, Bavaria, P5, Boina, Otaniel Mateus, Nazaré Samuel, Tuchinha, Tita, Diva, Tia Minga, Orlando Jr, Epifânio, Orlando Minguito. Henriques Katuca, Stafera, Yasta, Rabi, Maninho, Xavi, B10, Seybe, Valter. Cicici, sales, Dada, Silva, Zé Bakongo, Dj Dinho, Dj Bocas, Dj KT e todos meus colegas do Oscar Ribas e da Universidade Metodista de Angola e a Juventude da Igreja Metodista Unida de São Paulo.

PREFÁCIO

A visceralidade posta nas linhas dessa obra é um grito do silêncio. Um grito do silêncio, um grito que rasga o céu em tranquilidade e gozo, uma tranquilidade perversa, expondo almas mortas antes do corpo. A tranquilidade de quem tem por hábito o perverso e faz disso sua actividade mundana.

“A Última Masoxi” nos lembra a solidão dos que são posse em um olhar rápido ao redor. Quantas “Masoxi” são espectadoras da própria tragédia, num filme que se repete todos os dias? Por vezes, um filme que se repete algumas vezes no mesmo dia sem direito ao Stop, sem possibilidades.

“Masoxi” é a folha de uma árvore cortada violentamente caída num colo distraído. O encanto pelo acaso que esconde as dores. A fotografia de um momento, o enquadramento de um riso, a não captura do interior.

O nosso “animal” é a parte imensa de nossa própria existência. Nosso animal enjaulado, trancado preservado pelas pressões e acasos do tempo. Existe um domador para nossos “animais”. Ele o chicoteia constantemente para que fique, para que ali viva, em silêncio.

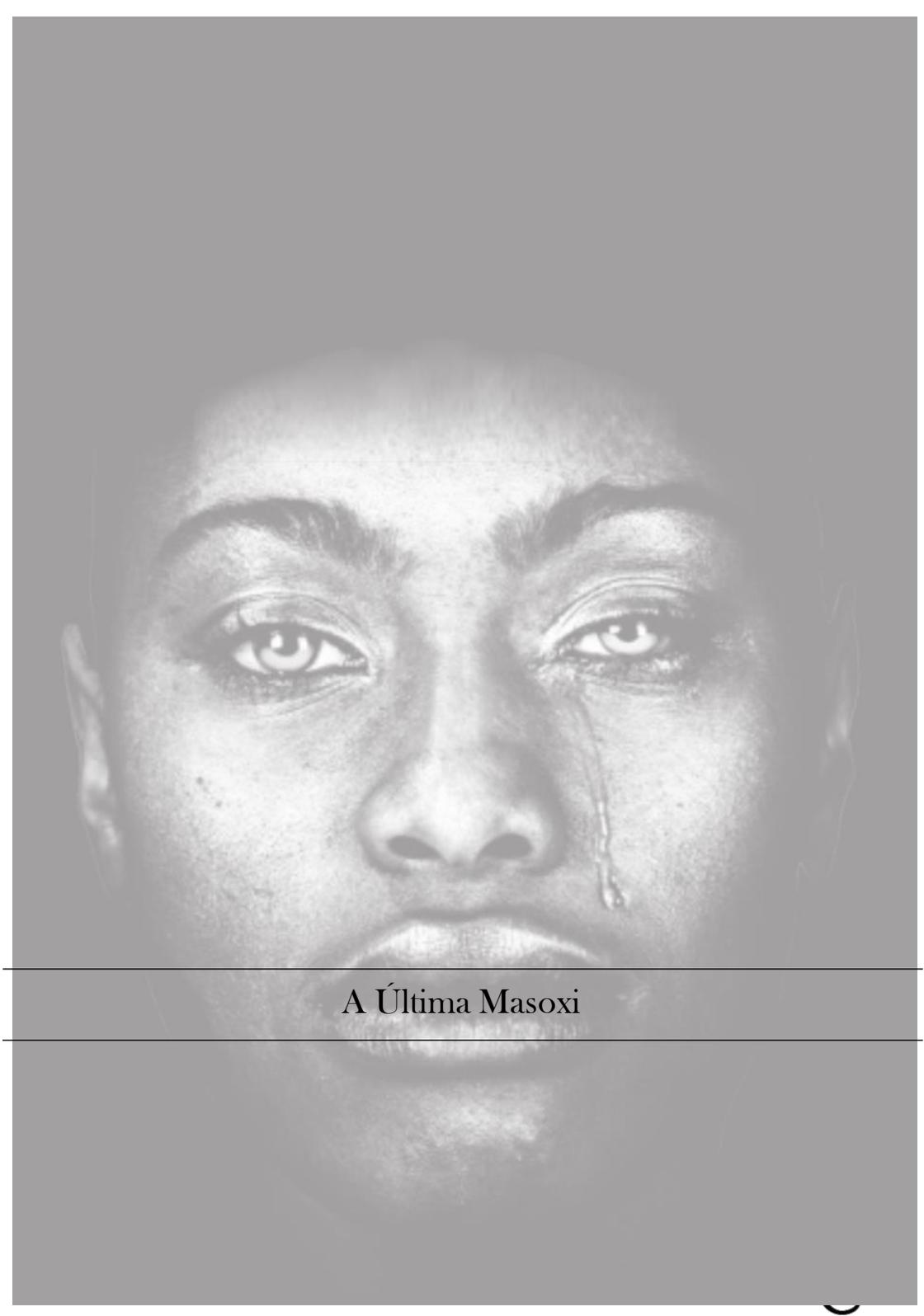
Em “A Última Masoxi” os domadores estão também ao lado de fora sorridentes domadores.

Beni Dya Mbaxi usou o termo “Masoxi” que vem de uma língua nacional angolana Kimbundu, que se remete a “lágrimas”. Pensei na lágrima como um transbordar, que sua leitura o

transborde também em lágrimas, em reflexões e provocações
que transborde, Transborde.

Boa Leitura.

Guigo Ribeiro/ Escritor



A Última Masoxi

- Hoje quero falar do meu passado. Penso que chegou a hora. - Falei perto dele.

- Se achas que estás preparada, estou aqui minha filha. - Disse ele.

- Estou cansada de carregar o meu passado, é um fardo que preciso partilhar.

- Fica a vontade! Jesus também carregou os nossos pecados.

- Está bem. Oiça-me, só contarei uma vez:

“Tudo começou três dias após a morte da mãe, aos meus 11 anos de idade. Naquele dia, estava em casa apenas com o meu padrasto. No momento, ele estava no seu quarto. Eu, no meu canto, sentia saudades da mãe, - até agora não acredito que morreu, ela não poderia ser tão cruel! Como permitiu que o meu padrasto acabasse com ela?! Para piorar não consegui dizer adeus, apenas olhava para mim acabando a sua vida.

O meu padrasto estava feliz por ter ficado com uma criança de 11 anos de idade. Sabia que poderia abusar de mim a qualquer hora e ainda que gritasse, ninguém me ouviria, porque vivíamos numa zona isolada. Parecia que o resto do mundo se esqueceu de nós! Penso que a mãe e o meu padrasto fugiam de alguma coisa.

Pensava sempre como o meu padrasto acabaria comigo! Falo acabar porque sempre que a mãe acabava de dormir drogada, ele vinha abusar de mim e não o suportava com o seu



fedor de cigarro e álcool. Lembro-me numa quinta-feira, ela ainda estava em vida, a primeira vez que fui estrupada, eram 01 hora da manhã. Ouvei os seus passos chegando perto da minha porta, fechei os meus olhos fingindo que estava dormindo, chegou perto da minha cama, sentou, o colchão arreou, tentei abrir os meus olhos devagar; ele vedou-os depressa e em seguida tapou-me a boca para não gritar e, foi assim que senti agulha no meu braço esquerdo... daí não me recordo de nada.

Quando acordei estava fraca com muita sede. Apetecia-me beber água e fiz um esforço: levantei, meus passos estavam trémulos! Fui ao encontro da porta, ouvi gargalhadas que vinham do outro lado do corredor, estiquei meu pescoço e vi meu padrasto e a mãe beijando-se. Fiquei presa no tempo, os lábios que a mãe beijava eram os mesmos que beijavam-me! Eles sorriam drogados, fechei à porta, sentei em minha cama.

Comecei a chorar sem gritos para não atrapalhar a felicidade artificial que eles viviam, mas queria estragar aquela felicidade contando tudo para ela. Mas também me custava muito acabar com aquela triste felicidade que ela vivia com seu amante. Me perguntava sempre o que ela viu de especial no meu padrasto! Para mim, ele não passava de um monstro.

Fui tomar banho de água fria para ver se refrescava o meu corpo que além da água, também escorria lágrimas. Quando terminei fui em direcção à sala, eram onze horas da manhã, foi o primeiro dia que ela não veio em meu quarto para me cumprimentar, por isso, fui à sala com intenção de vê-la depois daquelas gargalhadas que deu algumas horas atrás com o meu padrasto. Comecei a procurá-la e, encontrei-a na dispensa deitada, os seus olhos estavam todos encarnados e ao seu lado



estavam uma borracha, agulhas e um frasquinho. Mãe estava drogada e sorria para mim!

- Mãe! Não estás a me ouvir?! - Gritei.

Ela não dizia nada! Apenas olhava para mim. Comecei a chorar enquanto passava a sua mão meiga na minha cabeça.

- O que é isso, mãe?! - Perguntei pegando num frasco que dentro tinha pó branco. Girei a minha cabeça em volta da dispensa: vi uma seringa, lembrei o dia anterior a picada que o meu padrasto deu-me, fiz o maior esforço da minha infância, levantei a mãe, fomos até à casa de banho; joguei água em sua cabeça para ver se a reanimasse, deixei-a no banheiro e fui buscar uma toalha para enxugar o seu corpo, mas antes retirei a sua veste, em sua barriga tinha uma tatuagem que ilustrava meu nome e do meu padrasto “Masoxi e Fábio, amores eternos”. Voltei a me interrogar: «como ela amava tanto aquele maluco?!»

Depois de trocar tudo no corpo da mãe fui em seu quarto, procurei todas as drogas que ela e o meu padrasto guardavam, joguei na sanita e outros que encontrei fita-colados, cortei e joguei-as também, porque nunca mais queria ver ela naquele estado. Mas não dependia só de mim! Quando terminei de deitar todas as drogas que estavam em casa, fui terminar de cuidar da mamãe que acabou de dormir, fui para um cantinho e chorei até me cansar. Foi assim que ouvi os passos do meu padrasto, interroguei-me «quando ele saber que deitei todas as drogas?!» Só naquele momento pensei nas consequências e voltei a me interrogar «quem vai pagar? Eu ou a mãe que está a descansar?!».



Mas nas primeiras horas não notou que as suas drogas foram jogadas na sanita. a tarde escorregou com o meu medo de ser descoberta pelo pedófilo do meu padrasto.

No dia seguinte, ela apareceu no meu quarto.

- Masoxi, acorda! - Disse.

Ela estava triste. Será que tinha reflectido como a vida dela estava um desastre?

- Mãe, ainda é tão cedo! Para onde vamos? - Perguntei mesmo sem sabendo que horas eram.

-.

- Vamos embora dessa casa terrível! - Disse ela. Fiquei admirada porque nunca imaginei uma resposta naquele momento vindo da mãe.

- Onde vamos? - Perguntei empolgada, estava louca para sair daquele lugar.

Vimos à porta abrir, era o meu padrasto furioso.

- Sua cabra! Onde colocaste as minhas drogas? - Disse ele.

- Me deixa em paz, seu doente!

- Vou te matar sua cabra.

- Me solta! - Voltou a dizer ela, que lutava para o meu padrasto a soltar. Ouvindo-a, tive tanta vontade de acabar com o meu padrasto e fugirmos daquela casa.

- Vou mostrar quem é o verdadeiro louco!



Tentei aproximar para ajudar a mãe, mas o medo inundou o meu corpo, achei melhor apreciar tudo. A mãe lutava com meu padrasto para ver se conseguia se soltar, mas meu padrasto provou a sua força masculina. Arrastava a mãe, levou-a para mostrar onde estavam as drogas, mas ela não sabia nada, porque quando deitei estava a dormir.

Achei melhor me jogar nas costas dele para defender a mãe. Noutro lado eu era a culpada, mas não tive êxito na opção de salvar ela, pelo contrário aumentei a ira do meu padrasto que gritou de raiva. Sua voz ecoou por toda casa, olhou para mim, mãe aproveitou se desfazer do seu braço correndo até à porta. Meu padrasto seguiu-a tranquilo, sabia que à porta estava fechada. Quando ele chegou perto deu um golpe, ela gritou tão alto que também fez-me gritar e choramos de tanto medo. Bateu a cabeça da mãe na parede, vi no seu nariz escorrendo sangue; agarrou-a no pescoço, ela olhava para mim e não conseguia dizer nada! Meus gritos aumentaram, ela começou a fechar seus olhos e, meu padrasto continuou a bater a cabeça dela sem piedade até ver os seus nervos minimizar.

Quando soltou o pescoço dela, caiu. Seu rosto estava inundado de sangue! Meu padrasto foi em direcção ao seu quarto e passou ao meu lado sem eu enxergar o seu rosto. Meu olhar estava grudado na mãe; fui em direcção onde ela estava, gritei mais alto possível me sentindo a culpada pela sua morte, por jogar aqueles pó na sanita. Mas já era tarde para pensar naquele assunto. Não tardou meu padrasto voltou, removeu a mãe e me trancou dentro daquela casa enquanto levava-a; fui à janela de vidro para ver onde estava levá-la mas só consegui ver



ela a ser colocada na parte de trás do seu carro Toyota Corola de cor vermelha.

Ela parecia um animal com destino ao matadouro! Vi o Toyota corola desaparecendo, - lembro que este dia passei a maior parte do tempo na janela. No final do dia, meu padrasto apareceu, fiquei com tanta vontade de perguntar onde estava ela, mas não perguntei.

No dia seguinte, acordei muito cedo com esperança de encontrar à porta aberta ou talvez ver a chave em qualquer lugar, mas não tive êxito. Tive um plano, decidi arrombar a porta: peguei uma maceta e comecei a bater devagar para meu padrasto não perceber, mas infelizmente aconteceu o que mais temia, ele veio por trás de mim, senti um choque em minha nuca, meu corpo pequeno caiu. Meu padrasto carregou-me no ombro até ao seu quarto, - posso dizer que é aí onde começou a minha saga de tortura. Jogou-me em sua cama, bem dizer, na cama onde dormia com a mãe; esticou minhas mãos para cima, amarrou-me das mãos as pernas para não me mover.

- Fica deste jeito, sua louca! - Disse ele.

Tinha tanta vontade de o responder e dizer que ele era o único louco naquele lugar, mas não o fiz porque a minha boca estava vedada com um lenço que o meu padrasto decidiu colocar-me. Chorei desesperadamente, com vontade de ver a mãe entrar naquele quarto e me salvar daquele louco, que decidiu encostar o seu rosto perto do meu e começou a beijar-me. Mover os meus pés era a solução para tentar afastar aquele monstro de mim, mas não tive êxito.



Eu tinha apenas 11 anos de idade, e ele aparentava ter 56. Sua barba preta picava quando beijava-me. Sempre que vinha no quarto tirava as minhas roupas enquanto meus olhos negavam tudo. Já que não poderia mover-me, as minhas lágrimas falavam por mim, mas o meu padrasto não se importava com o choro de uma criança.

Ele sempre fazia o que queria e se ausentava por uns minutos, mas não demorava muito. Quando regressava vinha com uma seringa, passava as suas mãos no meu rosto, enquanto eu tentava falar alguma coisa, mas o pano que amarrou em minha boca estava tão apertado que não conseguia dizer nada, apenas chorava! Em seguida, aplicava-me injeção de drogas e não demorava para dormir. Quando me despertava, o quarto estava sempre escuro e percebi que quando dormia com o efeito da injeção ele abusava de mim. Naquele lugar não dava para saber que horas são e que dia era!

Os dias corriam tranquilamente, apenas queria lutar pela minha vida. Minha boca doía muito pela forma que o meu padrasto me amarrou, me senti cansada! Resolvi dormir outra vez. Passaram algumas horas, quando a clareza me despertou, o meu padrasto entrou com uma garrafa e cigarro nas mãos. Voltou a fazer-me carícias no meu corpo todo e, dentro de mim, implorava para soltar a minha boca. Pois, doía muito.

As carícias me deixavam irritada. Lutava para me virar de um lado ao outro para ver se parava de me beijar, e foi assim que resolveu retirar o pano que estava em minha boca. Senti um grande alívio.

- Ai! Por favor, quero beber água. - Falei.



- Queres beber água, louquinha? - Interrogou-me ele.

Dentro de mim, falei «louco é você, que passa a vida toda se aproveitando de uma criança.» E num tom audível implorei:

- Por favor! Tenho muita sede, quero beber água. Tenha piedade de mim!

Ele me encarou, deu-me um beijo lento na minha bochecha esquerda.

- Nãooooo...! nãooooo! - Gritei.

Deu-me uma bofetada com suas mãos duras. Seus dedos eram tão grossos! Colocou-os em minha vagina, irritado comigo, voltou a tapar-me a boca, e antes de sair arreou a sua calça e urinou na minha cara.

- Aí está a água, sua louquinha.

Se afastou, fechou a sua calça e antes de sair apagou as luzes. Fiquei a chorar, sua urina e a lágrima coabitavam em meu rosto. Além da sede também estava com fome, fazia três dias que não comia nada.

O dia começou a evaporar com minha solidão e a única solução era dormir...

Quando me despertei fiquei a olhar em todos os cantos do quarto, a porta fez um pequeno barulho, era ele, veio com uma bandeja onde tinha um copo de leite e pão.

- Aqui está o seu pequeno-almoço, minha pequenina. - Disse ele.



Era estranho! Pareceu que neste dia estava bem-humorado! Não me chamou de louquinha, mas sim, pequenina. Sentou ao meu lado e desfez as cordas que estavam em minhas mãos, meus braços tiveram a liberdade que tanto almejavam. As minhas mãos estavam trémulas e sem forças que não conseguiam pegar o pão.

- Então minha filhota, não quer comer? - Perguntou.

Fiquei com tanta raiva! Não por ele trazer a comida, mas por ele me chamar de filhota. Até hoje não consigo perceber como a mãe foi escolher um homem como meu padrasto.

- Ok! Já percebi. Quer que coloco o pão em sua boca. Queria dizer qualquer coisa, mas apenas fixei o seu rosto de velho maldoso. Comecei a mastigar o pão com tanta raiva, foi o primeiro dia que comi desde que o louco decidiu trancar-me naquele quarto.

- Preciso ir à casa de banho. - Falei.

- Casa de banho?! - Perguntou.

- Sim, por favor!

Ele ficou parado por uns instantes fixando o meu rosto, não tardou, quebrou o silêncio:

- Me promete que não vai fazer alguma asneira?

- Prometo.

Na verdade, aquela promessa não fazia muito sentido na minha vida, o que queria era ir à casa de banho. Foi assim que



desfez as cordas das pernas.me segurou nos braços e acompanhava-me – eu era tão pequena que ele conseguia tomar-me de qualquer jeito.

- Por favor! Deixa-me entrar sozinha. – Pedi.

Ele não falou nada, apenas me olhava. Entrei: liguei o chuveiro, comecei a chorar, mas ele não ouvia os meus pequenos gritos de dor devido barulho do chuveiro. Tive uma ótima ideia de cortar meu pulso e acabar de uma vez por toda aquele sofrimento, mas para minha mal sorte não tinha nada cortante. O idiota do meu padrasto era tão inteligente que removeu tudo na casa de banho.

Não demorou, vi à porta a se abrir lentamente, recordo que o meu tempo esgotou.

- Por favor! Não faz isso! – Falei.

Comecei a chorar, as lágrimas representavam a dor de saber que ainda estou viva e que o plano de cometer um suicídio não deu certo. Me levou ao quarto, voltei a dormir – era única coisa que me apetecia fazer naquele quarto escuro. Os dias foram passando, meus seios começaram a crescer de uma forma estranha, era uma das coisas no meu corpo que o meu padrasto adorava quando me estuprava.

Certo dia, a minha bexiga começou a doer, comecei a gritar sem parar. Era a primeira vez que sentia aquela dor e para piorar, meu padrasto não estava em casa. Penso que naquele dia foi comprar drogas ou talvez passar o seu dia com malucos iguais. A dor acabava comigo, a última solução era mesmo dormir; assim o fiz e quando me despertei as luzes estavam



acesas, achei estranho quando girei em minha volta, vi o meu padrasto.

- Então princesinha, o que foi? A bexiga está sempre a doer?! - Interrogou-me ele.

Fiquei a olhar para ele, me parecia mais jovem: cortou a barba e o cabelo, quase não o reconhecia.

- Não vais responder?

Pegou num saco pequeno de cor branca, tirou uns comprimidos e me obrigou a beber.

- Princesa, já está a ficar grandinha. Está em período de menstruação! - Disse ele.

- O que é isso?! - Perguntei.

- Um dia te explico, hoje não. Agora vou resolver um problema de dinheiro.

Voltou a sair. Desta vez esqueceu de desligar as luzes e a dor começou a minimizar. A saudade da mãe inundava o meu ser. Imagina, se estivesse ali, brigaria o tempo todo com o meu padrasto, ainda que ele venceria a luta, mas ela não pararia até me ver livre. Voltei a dormir e as dores começaram a passar.

Ouvi grito vindo do corredor, despertei, fiquei tão assustada. A vontade de me soltar era prioridade.



- Não tenho dinheiro para te dar chefe! - Disse o meu padraço com uma voz de quem estava assustado.

- Não quero saber, o que quero é meu dinheiro. - Reivindicou o tal chefe com sua voz de autoridade vindo do outro lado do telemóvel. Deu para ouvir o que eles falavam, o meu padraço colocou no altifalante.

- Por favor, quero pagar de outra forma.

- Como, idiota?! Se agora disseste que não tens dinheiro!

No meu canto, fiquei trémula. A minha bexiga tentou enunciar a dor outra vez.

- Vamos! - Concluiu.

Foi a última palavra que voltei a ouvir no diálogo daqueles dois doentes e bandidos. Depois de algumas horas, comecei a ouvir vozes estranhas no corredor e não era do meu padraço, eu conhecia muito bem a voz dele., não tardou à porta abriu, entraram cinco homens com ele completou seis. Chegou perto de mim e disse trémulo:

- Chefe, aqui está ela em bom estado, será tua para sempre.

O chefe era um homem alto de barba assustadora que vedava quase o rosto todo, e outros homens também seguiam a sua forma de aparência. Percebi que o meu padraço pertencia aquele bando.

- O que é isso?! - Perguntou o chefe.



Ele me chamou de “isso”! Senti-me um lixo naquele dia. Mas tinha razão, naquele quarto me senti como um lixo que esperava o dia para ser deitado.

- Chefe, essa é a minha enteada, chama-se Masoxi.

Meu padrasto era tão valente na minha presença, mas na presença daqueles homens, parecia mais pequeno em relação a mim.

- Você quer que levo-a em troca do meu precioso dinheiro?
- Perguntou o chefe olhando pelo meu padrasto. E começaram a rir, o chefe e os outros homens. - Estás a falar sério, idiota? - Acrescentou o chefe.

Meu padrasto ficou num silêncio e o seu chefe começou se aproximar, empurrou meu padrasto que estava ao meu lado.

- Idiota, vai para fora. - O chefe usou a sua função ordenando para meu padrasto abandonar o quarto. Fiquei trémula e de repente, comecei a soltar lágrimas. Sei que meu padrasto era um idiota, mas queria que ele ficasse para me defender daqueles homens idosos.

Ele obedeceu o seu chefe. Achou melhor me deixar no meio daqueles homens repletos de barbas nos rostos. Enquanto ele saía, olhava ao redor do quarto, encarei o seu rosto e tentei falar. Mas o pano que estava em minha boca não me permitia dizer «por favor, não me deixa aqui com esses maldosos.» Apenas disse no coração.

- Então menina linda, como está? - Disse o chefe, passando as suas mãos grossas em mim.



Cada toque deixava-me arrepiada. Não esforcei-me falar, as minhas lágrimas falavam por mim. Pensei na mãe umas mil vezes naquele instante, mas ela nem estava aí para me ajudar daqueles monstros.

- Não vais falar nada minha linda? - Disse o chefe mais uma vez. Apenas olhei para eles que estavam ansiosos para acabarem comigo.

- O que vamos fazer? Vamos levá-la, chefe?! - Um dos homens interrogou o chefe.

- Sem pensar! Vamos fazer o que um homem deve fazer na presença de uma mulher na cama. - Respondeu-lhe.

Queria gritar com todas as minhas forças, mas o pano que estava em minha boca não me permitia. Apenas as minhas lágrimas eram as minhas companheiras daquela dor que sentia.

Os homens não perderam mais tempo e começaram a despir-me brutalmente. O chefe começou a beijar-me, retirou o pano que me sufocava e outros homens, começaram se aproveitar pelo resto do meu corpo que estava em fase de crescimento.

- Chefe, essa garota é especial em relação as outras que já abusamos. - Disse mais um dos homens.

- Sim, é melhor do que as meninas da Mutamba que esbanjam os nossos dinheiros sem prazer nenhum. - Acrescentou o chefe.



Mesmo com a boca desvendada não me apetecia gritar, apenas apertava o lençol com toda minha força e fixava os meus olhos nos rostos deles para nunca esquecê-los.

Depois de abusarem de mim até se sentirem saciados, levantaram as suas calças. Eles me pareceram necrófilos pelo jeito que estavam a me devorar, me senti uma morta.

Estavam todos suados. Acabaram de se vestir, saíram todos sorrindo e fecharam à porta. Ali sim, gritei com toda minha força sentindo-me um lixo no mundo, não servia nem para ser uma criança e muito menos mulher.

Fiquei com nojo de olhar para mim mesma só de pensar que muitos já se aproveitaram de mim. Voltei a ouvir a voz do chefe no corredor:

- Idiota, nunca mais liga para mim. Nunca mais aparece enfrente de mim.

Já não ouvi mais nada. O silêncio tomou conta do momento e o tempo começou a escorregar com a minha dor de ser violada por cinco homens estranhos. Neste dia esperei que o meu padrasto entrasse para dizê-lo que o inferno era o seu lugar. Mas não aconteceu do jeito que queria, se passaram muitos dias, senão meses, ele não apareceu. Até que um dia ouvi à porta a fazer barulho, era ele entrando com passos lentos diferente dos dias anteriores, acendeu as luzes.

- Por favor, estou com náuseas. Preciso ir à casa de banho. -
É a primeira coisa que disse-lhe.



Aquilo foi como um acordo de Síndrome de Estocolmo, mas naquele instante não me importei se assinei ou não o acordo. O que eu mais queria era ir à casa de banho.

- O que tens? - Perguntou-me com um semblante diferente dos dias anteriores. Será que ele ficou sentido com o que aconteceu comigo, ou por eu acabar com a situação da sua dívida!

Levou-me pegando nos meus braços, estava fraca com os pés trémulos. Chegamos na casa de banho, não conseguia chegar perto da sanita e comecei a vomitar.

- O que tens Masoxi?! - Perguntou-me.

Foi a primeira vez que o vi preocupado comigo. Estava muito fraca e não parava de vomitar. Meu padrasto decidiu dar-me banho para reanimar-me o corpo.

Depois do banho me carregou no colo, porque já não conseguia caminhar nem com sua ajuda. Pousou-me na cama e desta vez não amarrou-me, pensei mesmo que assinamos o acordo de Estocolmo.

Depois daquele dia, se passaram outros dias que foram preenchidos pelas náuseas e não amarrou-me. Também não teria sentido, estava muito fraca. As náuseas não passavam e quando ele regressou trouxe consigo um aparelho de teste de gravidez.

- Por favor, Masoxi, vai à casa de banho. Deves usar isso, quero saber de alguma coisa que estou a pensar. - Disse ele,



entregando um aparelho que tinha estrutura igual a um termómetro.

Depois de me explicar como se usa, fui em direcção à casa de banho, seguiu-me e ficou na parte de fora. Quando terminei entreguei o aparelho, meu padrasto levou a mão a cabeça.

- Que merda! - Exclamou com a mão no rosto.

- O que foi? - Perguntei.

- Estás grávida.

- O quê?!

- Sim, isto mesmo que ouviste, vais ser mãe.

Parei por uns minutos no tempo. Meu Deus! Ser mãe era o que menos esperava, e para piorar não sabia quem era o pai. Ainda que soubesse de quem era o bebé, todos que abusaram-me sexualmente não são homens ideais para ser o pai. Meu mundo desabou naquele dia. O que mais me custava era saber onde poderia criar o meu filho, embora ser de um dos malditos que passaram o tempo abusar de mim, todos pedófilos e necrófilos.

Regressei ao quarto chorando, e meu padrasto seguiu-me. Não me deu tempo suficiente para lamentar sobre minha nova realidade! Naquela altura já estava com os meus 16 anos de idade, e sabia que cedo ou tarde daria à luz a um filho que não saberia quem é o seu pai verdadeiro.

Meu padrasto não se importou com a minha gravidez, voltou a me encurralar na cama e se foi como sempre, apagou as



luzes. Fiquei chorando até cair num sono profundo que me levou no sonho onde a mãe apareceu com um vestido de noiva, mas muito suja e com sangue no seu rosto, chorava:

«- Minha princesa, me perdoa! - Disse ela.

- Mãe, por favor, não chores. Onde estás? - Perguntei em prantos.

- Minha filha, onde estou não podes vir agora. Tens ainda uma missão por cumprir. - Disse-me também em prantos num sonho que tudo parecia tão real.

- Mãe, o Fábio e seus amigos loucos abusaram de mim, e agora estou grávida, vais ser avó de um neto que não sei quem é o pai.»

Depois de eu dizer a ela, sobre a gravidez, a vi se distanciando de mim. Gritei para ela várias vezes, mas não voltou e não tardou ouvi outra voz que estava tão próximo.

- Masoxi, acorda! - Disse ela.

Era uma velha que me despertou, os seus olhos eram todos encarnados; girei a minha cabeça em volta do quarto, estava confusa com o sonho! Por trás da velha estava o meu padrasto e ela estava com uns produtos em suas mãos.

- Menina, abra a boca! - Disse ela.

Me pareceu uma mulher sem pena. Me questionei «será que ela não tem uma filha?» Se tinha não a amava. Pela forma que estava a me tratar me pareceu uma mulher estéril.



Obrigou-me a beber todos os líquidos que estavam consigo. Eram tão amargos que os outros não conseguia beber e enquanto tentava engolir, ela limpava a minha testa com um trapo de cor preta.

- Já tem quantos meses? - Perguntou ela olhando para o meu padrasto.

- Meses?! Não. Ela está com apenas 6 ou 7 dias.

- Ainda bem!

Depois, dela terminar de fazer o seu trabalho, sendo sincera não sabia o que realmente aquela velha foi fazer ali. E depois ter a ideia de me dar aqueles líquidos estranhos. Ela foi andando com seus passos de quem adora fazer maldade.

- Tudo vai ficar bem. - Disse ela na sua retirada. Eles fecharam à porta, mas dava para ouvir as suas vozes a partir do corredor.

- Espero que tudo dê certo! - Exclamou o meu padrasto.

- Fica descansado.

Aqueles líquidos que bebi me faziam se sentir mal. Estava sonolenta e acabei por adormecer. Passaram algumas horas e foi assim que as dores se tornaram insuportáveis.

- Aí meu Deus! Alguém para me ajudar! - Gritei.

Não demorou meu padrasto entrou depressa. Parecia que ele já estava a espera da minha reacção.

- O que foi? - Perguntou.



- Minha barriga está a doer muito.

Ele olhava para mim, parecia que estava com pena. Naqueles últimos dias não me amarrava mais. Estava solta e talvez é porque estava muito fraca, mas a dor que sentia, fez-me levantar, fui correndo até à casa de banho.

Quando cheguei, vi que na minha perna escorria sangue que vinha do meu órgão genital. Entrei em pânico! Veio logo em minha cabeça que algo de errado estava se passar com o meu filho.

- Fábiooooo...! Fábiooooo...! - Gritei de tanto medo.

- O que foi miúda?! - Perguntou ele na parte de fora. Entrou e encontrou-me sentada desesperadamente.

- Oh, meu Deus! Tudo deu certo.

- Não estás a ver que estou a sangrar e dizes isso? - Falei com raiva. Foi aí que percebi que estávamos mesmo com um acordo de síndrome de Estocolmo.

Ele ficou a rir com o tom de voz insuportável.

- Obrigado senhor! Não estava a me ver a criar mais uma criança. - Disse ele.

- O que estás aí a dizer?!

- Sua idiota, já não há gravidez. Percebeu?

- O quê?! - Perguntei incrédula. Percebi que aquele sangue era o meu filho que estava a se despedir de mim. Apetecia-me



dizer a ele que me perdoa, tentei de tudo para o proteger, mas vivia com alguém que me matava todos os dias.

- Sim, agora levanta e vai tomar um banho, não é momento de fazer óbito.

Só tinha mesmo que obedecer as suas ordens, no banheiro tomei um banho de água fria e lágrimas bem quente. Não conseguia perdoar-me por perder meu filho. Quando terminei de tomar banho, ele levou-me ao quarto e resolveu dar uma pequena festa, mas o ideal seria um óbito. Percebi que ele não se importava com o meu filho talvez porque ele era o pai.

Lembrei que a pessoa que causou o meu aborto é aquela maldita velha. Depois me percebi que aqueles líquidos foram as pistolas e cada gole que dava, era uma bala para o meu filho. Minha raiva aumentou e me apetecia encontrar aquela velha e despontar cada raiva que sentia e acabar com ela. Mas ver ela morta não seria o suficiente para acabar com a raiva que sentia.

Ainda tinha a esperança de criar o meu filho, mesmo que o meu padrasto também o maltratasse. Mas quando ele se tornaria um homem, poderia enfrentá-lo e aí sairíamos livres! Gostava de acreditar naquela utopia.

* * * * *

Passaram dias atrás de dias a chorar. Até que me a percebi que, se o meu filho ainda que estivesse ao meu lado, nunca o defenderia do meu padrasto. Depois do aborto, as coisas no meu corpo perderam as ordens de crescimentos: meus seios



ficaram grandes, ganhei uma estrutura física de uma mulher que aparentava ter 20 anos de idade, mas na verdade estava com 17.

Um certo dia de tarde meu padrasto veio ébrio, normalmente, ele guarda as chaves da casa na sua cintura e sempre que marcava passos as chaves faziam barulho, mas naquele dia, aquele barulho me excitou. Almejei tanto tê-las em minhas mãos.

Ele voltou a me amarrar há dias, depois de me recuperar do aborto. Chegou perto de mim e começou a me beijar e lamber o meu corpo lentamente, as suas barbas me incomodavam; tinha uma vontade de acabar com ele. Desde que o meu padrasto acabou com o meu filho só me apetecia acabar com ele também.

Enquanto ele se aproveitava de mim, eu estava pensando como retirar as chaves da sua cintura, sabendo que as minhas mãos estavam presas. Mas procurei jeito de me desfazer daquelas cordas que cortavam as minhas mãos dia após dia.

Mas estava cada vez mais difícil, meu padrasto me sufocava com a sua barriga saliente; o meu corpo crescido o deixava louco. Mas nada sentia além de raiva, mas vi a minha raiva se reduzindo quando ele decidiu soltar as minhas mãos. Achei estranho! Foi a primeira vez que decidiu soltar as minhas mãos enquanto abusava de mim.

Fui tão estratégica: achei melhor começar a fazê-lo caricias, mas com o objectivo de retirar as chaves que estavam na cintura. e tudo foi como planeei. Tirei as chaves sem perceber. Depois achei melhor procurar alguma coisa para acabar com aquele homem que acabou com a minha vida e do meu filho. Girei o meu pescoço em minha volta, vi uma lâmpada na banca perto da



cama que estava conectada a electricidade. Enquanto ele beijava-me com os olhos fechados, ainda pude sentir a sua respiração em meu pescoço, mas decidi terminar com seu fôlego quando dei-lhe com a lâmpada na sua cabeça. Ele gritou, pude ouvir bem pertinho, mas não o dei tanto tempo para reagir.

- Ai, sua louca! - Gritou.

Não falei muito, apenas insisti dando com a lâmpada em sua cabeça e rapidamente começou a sangrar. O sangue todo inundava o meu rosto que estava com espinhas de puberdade.

- Vou te matar, sua louca! - Disse ele com as mãos no meu pescoço.

A minha raiva era o melhor orgasmo para matar aquele homem que a mãe alegava ser meu padrasto. Cada gota do seu sangue que batia em meus olhos, era uma vontade enorme de acabar com ele.

Foi assim que vi um pedaço de lâmpada, decidi picá-lo no pescoço. Senti ele apertando tão forte o meu pescoço, era o último esforço da sua miserável vida que não passou de abusar uma criança de 11 anos de idade, que agora estava enfrente dele com 17 e a terminá-lo a vida. No meu coração dizia «morraaaa louco!» de repente meu padrasto soltava o meu pescoço e fechava os seus olhos, caiu em meu corpo que estava trémulo e repleto de sangue.

- Mãeeee...! mãeeee...! - Gritei de tanta raiva e ao mesmo tempo não acreditava que estava com a chave da minha liberdade e que sairia daí correndo feito um pássaro que há muito tempo estava preso numa gaiola.



Retirei o meu padrasto empurrando-lhe no chão, desamarrei as cordas que estavam em meus pés e senti um alívio. Limpei o sangue que estava em mim, deixei o meu padrasto despido; fechei à porta e apaguei as luzes. Era daquele jeito que ele deixava-me quando me abandonava ali encurralada.

Fui caminhando para conhecer um mundo desconhecido, porque o único mundo que conhecia era estar dentro daquela casa que viu minha mãe e o meu filho morrerem e, naquele dia, o meu padrasto.

Quando cheguei na porta, lembrei que tinha que levar alguma coisa que me fazia lembrar a mãe. Fui rapidamente ao quarto, acendi as luzes e não queria olhar no meu padrasto, fui em direcção a banca, tirei uma pasta que a mãe carregava sempre que saía, peguei e fui sem cerimónia. Apenas fechei à porta.

Vi uma rua completamente diferente do dia que vi pela janela quando o meu padrasto levava a mãe no porta-bagagem. Comecei andar com passos longos, me apetecia correr, estava com medo de alguém descobrisse que dentro da nossa casa havia um homem morto, sim, falo um homem, porque aquele nunca foi um padrasto, nem para mim e nem para ninguém - espero que ele arde no inferno.

Enquanto andava de tanta pressa, me apetecia olhar para nossa casa pela última vez. Mas não tinha tantos motivos para olhar, talvez pela mãe, mas só de saber que foi lá que a ela morreu me sentia tão mal. Cheguei numa rua tão longa e ali decidi correr, era tão louco: o meu padrasto morto, ninguém atrás de mim, mas muitos olhando para mim.



Eles não sabiam como era tão estranho sentir o ar batendo em minha cara e areia em minhas pernas. Quase no final da rua decidi parar, coloquei a mão na minha cintura, estava suada, mas não dava para parar por ali, continuei caminhando até achar um lugar para ficar, mas minha prioridade era estar mais longe possível da nossa casa.

Foi assim que vi uma empresa abandonada com letras engarrafadas “Congeral, Fábrica de Sabão”. Fui marcando passos lentos, já eram 18 horas, estava a ficar escuro, vi como o lugar ideal para dormir, mas em sua volta tinha tantos carros encostados, várias pedras e lixo; na parte de fora dava para ver os capins e percebi logo que já não estava em funcionamento.

Fui em direcção à porta, marquei passos incrédulos com medo de encontrar mais um como meu padrasto. vi um quarto, parecia uma guarita e é para lá onde fui; o quarto estava escuro, mas aquele silêncio e a escuridão é onde queria estar para me esconder de alguém que matei há horas.

Entrei sem saber para onde iria através da escuridão, mas tropecei numa cadeira de rodas. Não minto, aquela pancada doeu. Mas me levantei, procurei a parede e fui para um cantinho. É para lá que sentei e comecei a chorar baixinho, com medo de aparecer mais um louco na minha vida e acabar comigo.

Fiquei a pensar de quem poderia ser aquela fábrica. Enquanto ficava a me questionar quem seria o proprietário, vi uma luz a inundar onde estava.



- Quem está aí? - Ouvi uma voz, parecia de alguém adulto. Fiquei trémula, levei o meu rosto ao joelho, não consegui responder, até a luz da lanterna chegar a mim.

- Quem és tu, menina? - Alguém perguntou-me.

Ergui a minha cabeça e vi um velho com barbas brancas diferente do meu padraço que cortava ou pintava sempre preto para parecer um jovem. Não consegui responder o velho, mas se fosse para responder tão rápido o que diria?! Nem mesmo eu sabia quem era, tinha vergonha de dizer quem na verdade eu era.

- Calma, menina! Não te vou fazer mal. - Disse o velho fixando o seu olhar para mim. Mesmo assim me recusei abrir a minha boca. Acrescentou - Estás a fugir de alguém?

Acenei com a cabeça para concordar com o velho.

- Sim, estou a fugir de um monstro. - Falei com uma voz que enunciava choro.

- Um monstro?! - Perguntou espantado.

- Sim, o meu padraço.

- Hamm...! ok...! Entendo. Agora vem aqui, minha filha.

Aquela palavra filha soou mais alto nos meus ouvidos. Fez-me lembrar o homem que deixei no chão do quarto da mãe.

- Vamos! Aqui não é lugar para dormir. - Disse o velho em pé.



Acreditei nele, me parecia alguém honesto e muito carinhoso, diferente daquele idiota do meu padrasto que estava aquela hora arder no inferno. Enquanto caminhávamos, o velho andava de um jeito inclinado devido a idade. Apertei forte a pasta da mamãe, não queria deixar. Ouvimos uma voz tão jovem vindo do interior da Fábrica:

- O que foi velho? - Disse um jovem, parecia ser neto dele.

- Encontrei esta jovem na guarita, está fugindo do seu padrasto.

Eles não imaginavam que estavam a lidar com uma assassina amadora.

- Sério! - Admirou o jovem.

- Sim, mas tudo já passou. Vamos para dentro.

Caminhamos até o interior da fábrica. Vi um lugar muito grande com vários tambores, o velho e o jovem me indicaram para onde deveríamos caminhar e aquilo parecia um esconderijo. Vi o lugar onde dormiam, era um papelão para o velho e um pedaço de colchão para o jovem.

- Mbebwa, acende as outras lanternas. - Ordenou o velho.

Mbebwa assim o fez, mesmo acendendo todas as lanternas, não era suficiente para iluminar aquele lugar enorme.

- Prazer, sou o Mbebwa. - Disse o jovem que tinha um corpo bem constituído, aparentava ter uns 18 anos.

- Prazer, sou a Masoxi.



- Masoxi?

- Sim, por que o espanto?

- Nome estranho! - Exclamou ele sorrindo.

Apeteceu sorrir também, mas não estava com a cabeça para sorrir, ainda lembrava do meu padrasto e me questionava se alguém descobriu a sua morte.

A noite foi a nossa companheira depois da gente comer, eu e o Mbebwa ficamos a conversar a noite toda, mas me apetecia contar toda verdade. Não o fiz, não preparada para contar toda verdade, nem para mim mesma., uma coisa é ter a verdade dentro de ti e outra é dizer a verdade para ti.

Mbebwa estava contar a sua rotina, mas infelizmente acabei adormecendo, o dia não foi fácil para uma assassina em liberdade.

O outro dia começou ensolarado, me despertei e não vi o velho e nem o Mbebwa. Fiquei preocupada, me levantei as pressas e fui para fora, foi assim que ouvi uma voz a chamar por mim.

- Masoxi... Masoxi...

Girei a minha cabeça, era o Mbebwa. Estava de um calção e uma t-shirt, aproveitei para o ver melhor, ele tinha uns lábios bonitos, braços fortes e dentes brancos diferente do meu padrasto que tinha os dentes pretos devido o cigarro.



- Sim, bom dia! - Cumprimentei.

Mbebwa estava alguns metros de mim a lavar carro, aproximei onde estava.

- De quem é este carro? - Perguntei.

- Meu. - Respondeu sorrindo.

- Fala sério!

- De um cliente.

- Cliente?!

- Sim. Eu lavo carro, e eles me pagam por isso. - Respondeu ele lavando os pneus.

- O velho vai pedir esmola na estrada do 1º de Maio e assim seguimos a vida.

Era bom saber que eles ganhavam a vida daquele jeito tão honesto e trabalhoso. Deu para ver que eles são felizes vivendo numa fábrica abandonada.

- O velho é teu avô?

- Meu avô?! Não, é apenas um amigo. - Disse jogando água por cima do carro.

- Amigo?

- Sim, um bom amigo.

Perdi a vontade de continuar a perguntar. Me deu a perceber que eles também só se conheceram naquele lugar como estávamos a nos conhecer.



Depois que o Mbebwa terminou de lavar vários carros, enquanto eu pensava que aquele era o único, fomos para um lugar muito especial. Ele considerava como uma piscina, na verdade era um tanque com água turva e é para lá onde fomos. Foi um banho daqueles! Mas nunca conseguia ficar a vontade com um homem por perto devido o trauma que ganhei do meu padrasto que já estava a sair bicho, se ninguém havia removido o seu corpo.

Mais um dia a terminar. Quando o velho chegou, trouxe alguma coisa para comermos.

No dia seguinte, o Mbebwa fez o seu trabalho habitual e depois passamos o dia todo na tal piscina. Conversamos de tudo outra vez, mas não tive coragem de o dizer, que fui abusada muitas vezes e que perdi um filho que na verdade não sabia quem era o pai.

No final do dia, o velho chegou, tivemos uma conversa animada até que perguntei:

- Velho, como veio parar neste lugar?

Ele fixou o seu olhar para mim, o Mbebwa coabitou com um silêncio.

- Bem, é uma coisa que não gosto muito de falar, mas para ti vou dizer. Vivi no Sambizanga - no bairro da lixeira, e vendia no mercado do Roque Santeiro. Um belo dia, quando saía do mercado, fui informado que minha família toda foi queimada por marginais, mas até hoje não consigo perceber quem fez aquilo e o porquê.



Mbebwá e eu ficamos olhando o velho que não conseguia travar as lágrimas.

- Sabes Masoxi, tinha duas filhas lindas e uma mulher maravilhosa. Mas alguém resolveu tirá-las sem dizer nada. E resolvi viver distante daquela casa que só me trazia lembranças da minha família. Decidi viver num lugar onde menos imaginam que possa viver alguém, por isso estou aqui. - Concluiu o Velho inconsolável.

Naquela noite a tristeza do velho tomou conta do lugar, enquanto eles dormiam, chorei, já estava habituada a chorar sem gritar. Pensei na minha mãe, o que ela pensaria de mim, vendome viver com dois homens desconhecidos. Mas foi melhor estar com o velho e o Mbebwá do que com o homem que a mamãe resolveu deixar para me cuidar.

No dia posterior a nossa rotina com Mbebwá não mudou muito. Fomos banhar na tal piscina como ele gostava de chamar, e no final do dia fomos para um lugar daquela rua que era conhecida como rua da Congeral; fomos numa geladaria, foi tão romântico, mas nunca vi Mbebwá como namorado ou alguém para namorar, mas sim um irmão protector.

O tempo foi passando e nos tornamos uma família. Consegui pensar menos no meu padrasto, mas não conseguia esquecer o homem que todas as noites me abusava, posso dizer que fui sua escrava sexual por muito tempo, mas desde que fiquei ao lado de Mbebwá e o Velho fui percebendo que a



mulher deve ser tratada com respeito e amor, nunca deixaram nenhum homem chegar perto de mim mesmo sem dizer o que havia acontecido comigo. Por isso, ainda estou aqui falando essas palavras.

Mas numas das noites, o Velho disse que a vida é o melhor ladrão que existe, te rouba a coisa mais importante da sua vida. Hoje vejo que o velho não só tinha razão, é a pura verdade. Isso vi nos seus olhos quando aqueles meliantes entraram no interior da Fábrica todos armados a minha procura; o Mbebwa fez tudo para me esconder no melhor sítio da fábrica, sei que estás a se perguntar quem eram aqueles homens que vieram a minha procura. Claro, foram aqueles cinco homens! – Lembras do tal chefe?

Os homens que abusaram de mim, descobriram que o meu padrasto estava morto e vieram atrás de mim. Aquela foi a pior noite que já vivi. Ouvia a voz do velho e do Mbebwa implorando que não sabiam nada de mim, mas nem com isso saíram daí vivos. Eu estava dentro de um tambor quando ouvi o primeiro tiro que atravessou o corpo do Velho. Mbebwa gritou desesperadamente.

- Nãoooooooooo!... Velhoooooooooo!

Depois voltei a ouvir o outro disparo que acabou por atravessar o corpo de Mbebwa. Foi como se aquela bala tocasse também em mim, estava trémula chorando como de sempre, sem gritos.

O silêncio tomou conta do lugar, fiquei quase três horas sem força de levantar e ver como estava o Velho e o Mbebwa. Mas ganhei a minha pouca coragem e vi eles mortos bem juntinhos,

me joguei no corpo deles, chorei quantas vezes foi possível e, tinha que sair daquele lugar. E assim fiz sem saber para onde iria, mas tinha que caminhar. Carreguei comigo a pasta da mamãe, nesta minha caminhada, conheci uma madre de nome Viemba, levou-me até ao convento, o lugar onde estou até hoje e, num dia desses, já aqui no convento, pedi para madre ler a carta que encontrei na pasta da mamãe que dizia o seguinte:

«Querida filha, Masoxi, antes de tudo quero pedir desculpa. Quero que saibas que te amo muito sem deixar de parte o Fábio. Mais uma vez digo-te me perdoa! O Fábio não é teu padrasto, na verdade é teu pai. Nunca tive coragem de dizer porque ele não era o pai que queria para ti, e ele nunca te viu como uma filha, porque desde a minha gravidez o menti que tu não és filha dele. Mas por favor, o respeita! Beijos da mãe.»

Quando a madre terminou de ler a carta, já imaginas como fiquei, padre?”

-Agora o padre sabe toda verdade: meu padrasto que é meu pai, matou a minha mãe e o meu filho. E eu matei o matei. Meu próprio pai! Fiquei sem saber quem eu sou. Meu pai abusava de mim, percebi que daria a luz ao meu irmão-filho, se assim poderia chamá-lo.

- Sim, Masoxi, agora sei a verdade. - Afirmou o padre com lágrimas brincando no canto dos olhos.

- Obrigado pela atenção. - Conclui. Levantei e segui o meu caminho.

Continuação...



GLOSSÁRIO

Roque Santeiro - Foi uns dos maiores mercados de Luanda, estava localizado no município do Sambizanga.

Ombembwa - Uma expressão em língua nacional Umbundu para dizer paz.

Masoxi - Uma expressão em língua Nacional Kimbundu para dizer lágrimas.

Sambizanga - Uns dos municípios da Província de Luanda, a capital de Angola.

Mutamba - É uma zona na baixa da cidade de Luanda.

Congeral - É nome de uma fábrica de sabão que esta localizada no município do Cazenga e Viana.

Viemba - Uma expressão em língua nacional Umbundu para dizer medicamento.

OBRAS DO AUTOR DISPONÍVEIS NO FORMATO
DIGITAL (E-BOOKS)



Massona Editora:

- **Para Mim, Mulher**
José Lengue
- **Poemas Cor-De-Rosa E Outras Reconquistas**
Gonçalves GONGA
- **A nossa História, O que Precisamos Saber!**
João Macongo e Viana Gonçalves
- **Cogito e Reflexões**
Joel Caetano “Cazundo”
- **Teologia da Prosperidade – O maior engano de Satanás**
Domingos Ngunza Ginga
- **O Kandongueiro – Antologia**
Coordenação de gonçalves GONGA
- **Suspiros Dispersos**
gonçalves GONGA
- **Realidades Camufladas**
Elizandro Joel
- **O Testemunho das 18 Classes e 16 Tribos, de Simon Kimbangu e de Kimpa Vita**
Francisco Manuel João
- **Flagelos Flácidos**
Manuel da Silva
- **Traços do Vento**
Lu Matamba
- **A Última Masoxi**
Beni Dya Mbaxi



massonaeditora@gmail.com



Massona Editora



massona_editora



+ 244 993 924 093

